

O CONFRONTO DE JESUS COM A VIOLÊNCIA DO “COVIL DE LADRÕES”

Um estudo a partir da narrativa de Mc 11,15-19

João Luiz Correia Júnior

Introdução

Jesus sofreu uma morte violenta. Morte de cruz. Teria ele provocado a própria morte? Ele sabia o que estava atraindo sobre si? Tinha consciência que, por conta de seus atos, corria sérios riscos de sofrer a dura violência das elites que se perpetuavam no poder político-religioso da Palestina?

Se ele tinha tal consciência, por que provocou tal poder, denunciando hipocrisias e incoerências do sistema? O que estava por trás de sua ação? Onde ele queria chegar, por exemplo, com o gesto de expulsar o comércio nas portas do Templo e de denunciar aquela instituição (uma das mais importantes de sua cultura religiosa), denunciando-a como “covil de ladrões”?

O presente artigo tem o objetivo adentrar à pesquisa recente para compreender um pouco sobre as causas que levaram Jesus ao conflito com o poder dessas elites dominantes, bem como o alcance e a profundidade de sua atuação, em contexto de violência generalizada e institucionalizada.

1. A ação de Jesus desmascara a violência do sistema (Mc 11,15-17)

O ataque contra o Templo de Jerusalém é uma passagem tão importante da vida pública de Jesus que o discipulado preservou o relato nos quatro evangelhos (Mc 11,15-19; Mt 21,12-17; Lc 19,45-46; Jo 2,13-17).

A opção pelo Evangelho de Marcos é porque se trata provavelmente do primeiro evangelho a ser editado, por volta dos anos 70 dC. A questão quanto à data de publicação de Marcos permanece aberta. Segundo Ched Myers, em seu comentário sobre o texto marcano, defende uma data antes de 70:

Situando ou não Marcos antes ou depois do ano 70 dC, a data da destruição romana do templo de Jerusalém tem muito a ver com a maneira como se interpreta a polêmica de Marcos contra o templo... “penso que uma data anterior a 70 e durante a revolta (portanto, depois de 66) é essencial à coerência da ideologia política e econômica da narrativa de Marcos. A forte crítica que Marcos lança ao estado do Templo e à sua economia política teria evidentemente sido supérflua se o templo já houvesse sido destruído¹.

1. MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 68.

Acrescenta Myers que há evidências de que o Evangelho de Marcos tenha sido escrito na Galileia. Assim, Jesus e Marcos teriam vivido dentro da mesma “era” histórico-geográfica². Esse aspecto é importante para salientar que Marcos teria captado o contexto de violência da época de Jesus e, desse modo, melhor compreendido a crítica do movimento de Jesus às elites do poder político-religioso palestinese e, particularmente, de Jerusalém, na primeira metade do século I.

De fato, o episódio da intervenção de Jesus no Templo, embora apareça nos quatro evangelhos, parte da perspectiva de cada autor, inclusive do seu plano literário. Enquanto, por exemplo, Mateus faz da cena do Templo o momento culminante e a meta da entrada de Jesus em Jerusalém, Marcos coloca este episódio dentro do seu esquema ternário, no qual condensou no espaço de três dias o material que a tradição lhe transmitiu:

– No primeiro dia (Mc 11,1-11), Jesus deixa Betânia e entra solenemente em Jerusalém, cavalgando um jumento e sendo acolhido pelos peregrinos com aclamações festivas. É um gesto simbólico que evoca as cenas de entronização real e as visões proféticas que dizem respeito ao Messias portador de paz. O dia se conclui em Betânia.

– No segundo dia (11,12-19), Jesus deixa novamente Betânia para ir a Jerusalém, onde realiza no Templo um segundo gesto simbólico: a expulsão dos vendedores do átrio do Templo (12,13-15). Após o segundo dia, Jesus passa novamente a noite em Betânia.

– No terceiro dia (11,20–12,44), ele se encontra de novo em Jerusalém, no Templo, onde se efetuam as cinco refutações ou controvérsias... Trata-se de discussões, mais ou menos polêmicas, com os círculos dirigentes de Jerusalém: sacerdotes-chefes, escribas, fariseus, herodianos e saduceus³.

Nesse contexto literário, percebe-se que Jesus entra em rota de choque com as classes dirigentes de Jerusalém, cujo poder se concentrava no Templo. O Templo, naquele momento, passava por reformas. Havia muito dinheiro e interesses envolvidos: a restauração tinha provavelmente motivos mais políticos do que religiosos.

Herodes não poupou despesas para criar um grande templo complexo. Colocou 10.000 homens no serviço e treinou 1.000 sacerdotes que pudessem trabalhar nas partes mais sagradas do Templo. A construção foi iniciada em 19 aC e terminada em 10 anos, porém o serviço de decoração prosseguiu por muitos anos ainda.... Foi completamente terminado em 64 dC, seis anos antes de ser incendiado e destruído no assalto romano a Jerusalém.

A investida de Jesus contra o Templo foi importante porque aquela Instituição era, sem dúvida, um dos alicerces da cultura religiosa e política da Palestina no século I. Apesar de sua multiplicidade interna, a religião judaica no tempo de Jesus tinha algu-

2. MYERS, Ched, op. cit., p. 69.

3. FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990, p. 548.

mas convicções básicas e formas de expressão comuns, a saber, o monoteísmo e a aliança de Deus com Israel; o Templo e as sinagogas; os sacrifícios e a liturgia da palavra, assim como os escritos sagrados e as tradições (orais e escritas)”⁴.

E a crítica foi veemente, por meio de gesto simbólico e de palavra com autoridade. Abaixo, o texto de Mc 11,15-17⁵:

a) Gesto simbólico

¹⁵ Chegaram a Jerusalém. E, entrando no Templo, ele começou a expulsar os vendedores e os compradores que lá estavam:

Virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas,¹⁶ e não permitia que ninguém carregasse objetos através do Templo.

b) Palavra com autoridade das Sagradas Escrituras

¹⁷ E ensinava-lhes, dizendo: “Não está escrito: ‘Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’?

Vós, porém, fizestes dela *um covil de ladrões!*”

a) Gesto simbólico

O gesto simbólico de Jesus pode ser dividido em três partes: 1) ao expulsar os vendedores e os compradores do Templo; 2) ao virar as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; 3) ao proibir qualquer pessoa de carregar algum objeto. Vejamos cada uma das partes.

1) Jesus começou por expulsar os vendedores e os compradores do Templo. Os que vendiam eram os que comercializavam vítimas para os sacrifícios do Templo e ainda vinho, óleo e sal. Os que compravam eram os peregrinos que precisavam de tais coisas para as necessidades do culto. O funcionamento diário do culto era questão de emprego para fabricantes de cortinas, barbeiros, manufatureiros de incenso, ourives, escavadores de fossos e inúmeros outros. A indignação de Jesus dificilmente poderia ser atribuída a uma descoberta da existência do comércio no Templo em si⁶. Trata-se, portanto, de um gesto simbólico. Ao *expulsar (ekballein)* as pessoas que faziam comércio, provavelmente no “pátio externo dos gentios”, Jesus fazia uma crítica pública à ganância econômica da aristocracia de Jerusalém junto ao Templo⁷.

2) Jesus, em seguida, virou a mesa dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. São dois grupos de empresários. Os cambistas tinham a finalidade de trocar o dinheiro grego ou romano dos peregrinos por moeda da Judeia ou de Tiro, as únicas com que se podiam pagar as dívidas com o Templo. Os cambistas provavelmente também faziam transações gerais de rendas provenientes da diáspora judaica espalhada sobre todo o mundo mediterrâneo; eles eram como representantes dos interesses fi-

4. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 148-149.

5. BÍBLIA DE JERUSALÉM: Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

6. MYERS, Ched, op. cit., p. 360.

7. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette, op. cit., p. 489.

nanceiros de pessoas e famílias ricas de Jerusalém. Jesus também virou as cadeiras dos que vendiam pombas. As pombas eram usadas primordialmente para a purificação das mulheres (Lv 12,6; Lc 2,22-24), a purificação das pessoas com doenças de pele, chamadas genericamente de leprosos (Lv 14,22) e outras finalidades (Lv 15,14.29). A simbologia de derrubar as cadeiras dos vendedores de pombas significa, portanto, desacomodar ou desinstalar os que se assentavam no comércio do Templo à custa dos pobres; as obrigações cúllicas eram especialmente pesadas para os empobrecidos⁸.

Assim, tendo presente o contexto histórico de Jerusalém no tempo de Jesus, o simbolismo dos gestos de “virar” (*katestrepsen*, que também pode significar “destruir”) os lugares usados por esses dois grupos (cambistas e vendedores de pombas) apontam, segundo Myers, para o fato de que “Jesus quer que tenha fim todo o sistema cúllico” do Templo. Os cambistas e os vendedores de pombas “representam os mecanismos concretos de opressão dentro de uma economia política que explorava duplamente os pobres e os impuros. Não só eles eram considerados cidadãos de segunda classe, mas o culto os obrigava a fazer reparação, por meio de sacrifícios, por causa do seu *status* inferior – situação de que os comerciantes tiravam proveito”⁹.

3) Por último, Jesus proibiu a qualquer pessoa de carregar algum objeto (*skeuos*, aqui significando algum vaso ou peça necessária para o culto), através do Templo. Isso significa literalmente parar as operações daquela Instituição. Essa teria sido a meta por trás dessas ações de Jesus: o aniquilamento do Templo¹⁰. Como ele dirá em seguida, a casa de oração foi transformada (adulterada) em covil de ladrões.

b) Palavra com autoridade das Sagradas Escrituras

¹⁷ E ensinava-lhes, dizendo: “Não está escrito: ‘Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’?”

Vós, porém, fizestes dela *um covil de ladrões!*”

Jesus recorre às Sagradas Escrituras num ambiente bastante propício para ser compreendido: o templo de Jerusalém. Defende sua ação simbólica anterior, fazendo novo ataque ainda mais contundente, pois agora usa o recurso direto da palavra de Deus.

São duas citações. A primeira citação é extraída de Is 56,7: “Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”. É o primeiro poema da terceira parte do Livro de Isaías (56,1-8), cuja grande novidade consiste na abertura universal: a salvação poderá ser alcançada por todos; bastará guardar o direito, praticar a justiça (56,1), observar o sábado e abster-se do mal (56,2), amar e servir ao Senhor (56,6) para ter acesso à casa de oração no Monte Santo, o Templo de Jerusalém (56,6-7).

Tristemente, casa aberta a todos os povos, cuja função seria reunir os dispersos de Israel junto aos que já estão reunidos (56,8), não só dificulta o acesso dos convidados, mas foi adulterada em sua função primordial de acolher e dar conforto (casa de

8. MYERS, Ched, op. cit. p. 360-361.

9. MYERS, Ched, op. cit. p. 362.

10. MYERS, Ched, op. cit. p. 362.

oração): transformaram-na num “covil de ladrões”, isto é, em “refúgio para continuar pecando impunemente, como fazem os bandidos em seus covis” (referência a Jr 7,11)¹¹. É a própria Instituição que se transformou numa cilada para os romeiros, com o intuito de roubá-los e acumular dinheiro às custas daqueles que foram convidados.

Assim, no seu ataque ao Templo, Jesus desmascara a infidelidade daqueles que deveriam promover a fé no Deus da Vida. Não são apenas ladrões, como veremos a seguir, mas assassinos.

Ao roubarem a força de trabalho do povo, por meio da cobrança de impostos e das obrigações religiosas que abusam da generosidade e boa-fé das pessoas, o “covil de ladrões” causa a morte de crianças, adultos e idosos, multidões empobrecidas, que “estavam como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34). Desse modo, essa elite político-religiosa que se apoderou da Casa de Deus ficava cada vez mais rica, baseada numa economia de exploração¹².

2. A reação do “covil de ladrões”: planos de assassinar Jesus (Mc 11,18-19)

As palavras de Jesus provocam imediata reação nos “chefes dos sacerdotes e nos doutores da lei”. Com isso, eles não só se revelam como membros do “covil de ladrões”, mas como autores intelectuais de homicídio, pois tramaram a morte de Jesus. Embora omitida por João, a narrativa aparece em Mc 11,18-19 e seus paralelos (Mt 21,15-17 e Lc 19,47-48):

¹⁸ Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei ouviram isso e começaram a procurar um modo de matá-lo. Mas tinham medo de Jesus, porque a multidão estava maravilhada com o ensinamento dele. ¹⁹ Ao entardecer, Jesus e os discípulos saíram da cidade.

Interessante que os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei “ouviram” o que Jesus ensinava. E o que ele proclamava não era outra coisa senão a palavra de Deus nas Sagradas Escrituras, que tão bem conheciam. Mas, ato contínuo, procuram um modo de matá-lo. Assim, nota-se claramente que a palavra de Deus proclamada como crítica, denúncia, tem o poder de aguçar o conflito e agitar ainda mais as forças do mal para que mostrem a sua verdadeira face.

11. SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2428, nota de rodapé 11,15-19.

12. Sem dúvida, o Templo tinha grande importância econômica para Jerusalém. As somas que afluíam para lá mediante o “imposto do Templo” não eram pequenas. Além disso, muitas pessoas depositavam o seu patrimônio no Templo, que funcionava como uma espécie de banco de depósitos para fortunas de particulares, dados os mecanismos de vigilância na época de Jesus, por conta dos inúmeros ataques ocorridos no passado. É possível que Roma também tivesse interesse econômico no “imposto do templo” e, por conseguinte, na proteção de sua transferência para Jerusalém, pois tal imposto garantia a afluência de moedas fortes, por exemplo, também da Mesopotâmia, ou seja, daquelas regiões que não estavam sob o domínio romano, o que contribuía, assim que o dinheiro voltava a circular, para o equilíbrio entre a exportação de divisas e a importação de artigos de luxo do Oriente. Mas, a importância maior do tesouro do Templo consistia no fato de que com ele se pagavam os sacrifícios diários, bem como o sustento das diversas pessoas e grupos empregados ali. Acrescenta-se a isso os gastos com manutenção e conservação dos prédios, dos muros e do suprimento de água da cidade, bem como dos gastos para fins caritativos. STEGEMANN, E.; STEGEMANN, W., op. cit., p. 149-151.

Quem são os “chefes dos sacerdotes” e os “doutores da Lei”? Eles são membros do Sinédrio (o “covil de ladrões”)¹³. Representam aqui a aristocracia de Jerusalém. Grande parte de suas rendas dependiam do Templo. Jesus teria sido executado porque uma parte dessa aristocracia temia que ele pudesse causar distúrbio, o que levaria os romanos agir. Ele não morreu porque sua relação com a Torá e com Israel era tal que os judeus fiéis à Torá não tiveram outra escolha¹⁴. Jesus foi morto porque entrou em conflito direto com os interesses das elites que constituíam o centro do poder de Jerusalém daquele tempo, cuja representação estava intimamente ligada ao Templo: o Sinédrio.

Sem dúvida, o elemento decisivo que desencadeou a hostilidade contra Jesus foi que ele criticou abertamente os interesses econômicos da aristocracia de Jerusalém¹⁵. O fato é que Jesus não foi o primeiro judeu a conhecer um fim violento de sua própria comunidade, por conta de uma visão de dissidência religiosa. Sem dúvida, em sua morte de cruz,

houve a participação da aristocracia sacerdotal judaica, especialmente em vista do papel que ela, a exemplo de outras aristocracias nativas do Oriente, devia cumprir na manutenção da *pax romana*. Entretanto, ao sustentar esta posição é preciso reconhecer plenamente que o retrato evangélico do envolvimento judaico está contaminado por forte viés, em sua tentativa de exonerar os romanos e culpar os judeus considerados de uma maneira geral, e não apenas elementos particulares do povo¹⁶.

Jesus provavelmente estava consciente das consequências de sua ação simbólica no Templo. Ele teria interpretado sua carreira à luz de elementos da tradição religiosa em que fora criado, e que ele teria se inspirado em aspectos particulares dessa tradição para fazer as escolhas que fez durante a sua vida pública. A corrente de resistência não violenta presente no pensamento judaico, com a sua crítica ao imperialismo político e religioso, é o que, aparentemente, melhor serve para caracterizar os aspectos particulares do movimento de Jesus¹⁷.

13. O Sinédrio foi mencionado pela primeira vez pelo historiador hebreu Flávio Josefo como existindo no reinado de Antíoco o Grande (223-187 aC). No Antigo Testamento é mencionado pela primeira vez no período dos Macabeus (1Mc 11,23; 12,6; 14, 28; 2Mc 1,10; 4,4; 11,27). Na época do Novo Testamento o Sinédrio era composto de três grupos de pessoas: 1) Os anciãos, ou seja, os mais velhos patriarcas dentre os chefes das famílias e dos clãs; 2) Os sumos sacerdotes, isto é, os anciãos das quatro famílias sumo-sacerdotais e os ex-sumos sacerdotes; 3) Os escribas, que geralmente eram membros da seita dos fariseus. Eram ao todo 71 homens, inclusive o presidente, que era o sumo sacerdote então exercendo a função. Não se sabe como eram designados esses membros: provavelmente eram eleitos, talvez em caráter vitalício. Na época de Jesus, a jurisdição do Sinédrio limitava-se à Judeia, não abrangendo a Galileia. Como supremo corpo religioso, possuía certa autoridade – difícil de definir com exatidão – sobre as comunidades judaicas da Diáspora (dispersas pelo mundo)... Não é certo se as Sinagogas situadas nos países estrangeiros eram obrigadas a se submeter às suas decisões. Em geral o Sinédrio era o tribunal supremo da nação judaica, o que se coadunava com a prática romana de manter nas províncias os tribunais locais, administrados por elementos locais. A competência do Sinédrio tinha caráter tanto religioso como secular e a Lei judaica constituía a norma das suas decisões. O Sinédrio tinha poderes para prender, contando com uma polícia própria... Contudo não podia ordenar a execução de penas capitais: segundo a suas próprias leis, as sentenças de morte deviam ser submetidas ao governador romano para confirmação. O local das sessões do Sinédrio devia se encontrar no conjunto dos prédios do Templo ou em suas proximidades. MACKENZIE, op. cit., p. 885, verbete “sinédrio”.

14. THEISSEN; MERZ, op. cit., p. 491.

15. THEISSEN; MERZ, op. cit., p. 489.

16. FREYNE, op. cit., p. 160.

17. FREYNE, op. cit., p. 162.

Conclusão

Sem dúvida, um dos temas mais difíceis de se tratar ao longo da história da humanidade não é propriamente a violência, mas o como agir em contexto de violência. Usar armas de fogo para se defender da violência generalizada ou para resistir à violência institucionalizada por poderes violentos? Ou usar as armas da denúncia crítica, com fundamentos que desmascarem aqueles que estão escondidos (como num covil de ladrões), tramando diariamente modos de tirar proveito do caos social que eles mesmos perpetuam para continuar tirando proveito.

Jesus é apresentado como o rei legítimo, centro de nova aliança: ele cura cegos e aleijados (cf. Mt 11,5) e é aclamado pelas crianças como o Messias. Aqueles que são privados de apoio oficial e de poder estão prontos para receber Jesus, enquanto as autoridades o rejeitam.

Acusando e atacando o comércio existente dentro do Templo, Jesus retira as bases sobre as quais se apoiava toda uma sociedade violenta. Com efeito, era com esse comércio que se sustentava grande parte da economia fundamentada na exploração de multidões excluídas da vida com dignidade. O gesto de Jesus mexe não só com um modo de vida religiosa, mas com toda uma estrutura que usa a religião para estabelecer e assegurar privilégios de uma classe e sustentar uma visão mesquinha de salvação. Por isso, os que se favorecem desse sistema pensam em matar Jesus. Mas temem o povo.

“Quem disse que o povo não pensa... O povo pensa”¹⁸. Essa era uma das missões de Jesus. Denunciar o antirreino, além de anunciar o Reino de Deus. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

Bibliografia

- FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990.
- FREYNE, Sean. *A Galileia, Jesus e os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SCHÖKEL, Luís Alonso. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- STEGEMANN, E.; STEGEMANN, W. *História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus – São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

João Luiz Correia Júnior
E-mail: joaoluizcorreia@uol.com.br

18. Dom Helder Câmara, numa vinheta com a Voz do Dom, que é constantemente veiculada pela Rádio Jornal do Comércio, do Recife.